



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Comunicação - FAC
Departamento de Audiovisuais e Publicidade - DAP

MARLEY FERNANDES MEDEIROS

O Quintal
Documentário sobre um espaço de arte, cultura e
resistência em Planaltina DF

BRASÍLIA
JULHO DE 2018

MARLEY FERNANDES MEDEIROS

O Quintal

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Gonçalo Pires de Campos Martins

BRASÍLIA
JULHO DE 2018

MARLEY FERNANDES MEDEIROS

O Quintal

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Gonçalo Pires de Campos Martins

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pablo Gonçalo Pires de Campos Martins

ORIENTADOR

Prof. Dr. Marcos de Souza Mendes

MEMBRO

Prof^ª. Ma. Erika Bauer de Oliveira

MEMBRO

Prof. Me. Elton Bruno Pinheiro

SUPLENTE

BRASÍLIA

JULHO DE 2018

AGRADECIMENTOS

Ao longo de toda a vida, sempre temos pessoas que nos influenciam consciente ou inconscientemente na tomada de decisões importantes, mesmo que no momento da decisão não se tenha dimensão do que aquele apontamento vai significar anos mais tarde. E é muito complicado mensurar quais pessoas tiveram mais ou menos influência em nossas vidas, mas uma coisa é certa: é importante lembrar dessas pessoas e reconhecer a devida importância de cada uma.

Venho portanto a agradecer minha mãe, Dulce Medeiros de Freitas, meu pai, José Fernandes do Nascimento e por todos os esforços que ambos fizeram para que eu e minhas duas irmãs, Mayara e Mayane, às quais também agradeço imensamente, tivéssemos acesso à educação, alimentação e moradia. Foi muito perrengue que enfrentamos, desde a falta de alimento para as refeições mais básicas, sermos expulsos de casas que vivíamos por não termos como pagar o aluguel, a falta de alguém para cuidar de mim e das minhas irmãs enquanto meus pais estavam no trabalho, bem como diversas outras dificuldades que são por vezes frequentes em outros lares. E isso me deu um foco desde o meu ingresso no ensino médio: Vou entrar na UnB! E graças a todo esse suporte, o sonho virou realidade e cá estou, finalizando um curso que tanto me fez aprender e crescer.

Outro agradecimento que eu não poderia deixar de pontuar é à todos os professores e à todas as professoras que tive na vida. Foram inúmeros os casos de docentes que ensinaram, para além do conteúdo da disciplina que ministravam, conteúdos que me servem até hoje na vida. Eu poderia citar vários nomes, mas me esqueceria de muitos outros nomes, então faço esse agradecimento de forma mais abrangente.

Todos esses anos que estive presente nos treinos no espaço, no Quintal que é tema do meu TCC, conheci muita gente, que hoje levo como amizades profundas. Muitos foram os aprendizados, as vivências, as trocas de conhecimentos e experiências sobre diversos assuntos que participei nos treinos da Trupe por um Fio, nos ensaios da banda The Nós, nos treinos de Capoeira Angola, nos treinos de break da Start Family Crew e com vários artistas que passaram também por esse lugar que exala riqueza cultural, mas que deixaram suas marcas.

Um agradecimento especial, eu dedico a três professores que tive na UnB, dois enquanto eu ainda cursava filosofia, que são os professores e amigos Rogério Basali e Pedro Gontijo que me presentearam com conhecimentos e visões de mundo que mudaram quem eu era de modo imensurável. O terceiro professor na lista, vem a ser talvez o maior motivador de eu ter optado pela mudança de curso da filosofia para o audiovisual, o querido Marcos Mendes. Foi ele quem, em uma de suas aulas sobre documentário brasileiro, disse uma coisa que eu nunca vou esquecer: “A universidade pública não é um lugar que temos que ingressar já com a escolha certa daquilo que vamos fazer no resto da vida, mas sim um lugar de buscar novos tipos de conhecimento e, se assim for percebido, mudar.”. Essa frase ficou martelando na minha cabeça e poucos meses depois optei pela troca de curso, o que sou feliz até hoje pela mudança.

Vou tentar listar aqui agora uma lista de pessoas que muito me ajudaram na trajetória de vida: Cleiton Vieira, Rogerio Miranda, Luciano Czar, Iasmim Kali, Matheus Ribeiro, Natan Vêras, Bruno Zói, Edilton Gonçalo, Wandré Cilva, Najila Loren, Mariana Camargo, Mariana Helou, Daniel Lacourt, Vini Martins, Pedro Martins, Cyntia Carla, Thiago Enoque, Drisana Alarcão, Renato Mafra, Geovane Santana, Duciene Santana, Bboy Chede Zied, Bboy E1, Bboy E2, Bboy Raynan, Bboy Toddy, Bgirl Fabiana Balduína, Leonio Matos, Marcelo Arruda, tia Maria, tio Anísio, tio Mário, tio Antônio, Mônica, Ana Paula, Pauliana Freitas, Luana Freitas, Douglas Rochedo, Rafael Cardim, Ig Uractan, Pedrosa, Neuza Meller, Matheus Manfredini, Kalil Palhano, Nickolas Campos, Kelvlin Ferreira, Elton Bruno, Rose May, Raimundo Lima, Liziane Guazina, Fernando de Oliveira Paulino, Alesson Campos, Anderson Campos, Wandilson Souza, Vinicius Fontenele, Camila Palmeira, Yuri Formiga, Bruno Formiga, Ronailton Santana, Luciano Maia, Gerlane Ataídes, Marcos Marçal, Alisson Billy, Bodão, Anna Luisa Nogueira, Clara Lenzi, Nanci Cravinho, Caren Santos, Samuel Mariano, Mike de Brito, Eleusa Oliveira, Diogo Oliveira, Bruno de Oliveira, Allana Matos, Francimar Santana, Diego Hatory, Nylla, à todo mundo da UnBTV que foi uma verdadeira escola.

São inúmeras as pessoas não citadas, mas que muito me ajudaram a chegar a este ponto, espero que se sintam contempladas todas elas, mesmo que seu nome não integre essa lista.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
PROBLEMA DA PESQUISA.....	11
OBJETIVO.....	12
REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
METODOLOGIA.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	24

RESUMO

Na cidade de Planaltina existe um lugar onde flui arte pelos quatro cantos. Deste simples local, que é apenas o Quintal nos fundos de uma casa, surgiram inúmeras expressões artísticas como por exemplo o circo, a dança, o teatro, o grafite, a música, a capoeira. Serão mostradas algumas personagens que permeiam este espaço, bem como seus moradores, que interagem direta ou indiretamente nas relações com as atividades semanais que lá acontecem. Os relatos dessas pessoas variam entre histórias engraçadas e histórias sobre a realidade local fora dos muros do espaço de treinos. Este memorial é parte complementar ao documentário *O Quintal: Documentário sobre um espaço de arte, cultura e resistência em Planaltina DF* e se propõe mostrar o papel de resistência que a arte e a cultura tem, frente à violência, bastante presente na cidade de Planaltina DF.

Palavras-chave: Documentário . Produção Audiovisual . O Quintal . Cultura Popular . Planaltina DF.

INTRODUÇÃO

Uma residência é um local que abriga uma pessoa ou um grupo de pessoas. Essa residência pode ter diversos formatos, tamanhos e quantidade de espaços internos e/ou externos. Em algumas das possibilidades, existe um espaço peculiar, que pode ser na frente, na lateral e/ou nos fundos do espaço onde se encontra a residência. Este espaço é o Quintal no qual, dentre as utilizações mais frequentes e comuns, estão o convívio familiar e entre amigos, a casa de animais de estimação, plantações de hortaliças e/ou árvores frutíferas ou não, ambiente de brincadeiras de crianças (de idade e de espírito), área de serviço, dentre outras mil possibilidades. Acontece que, embora as utilizações mais comuns sejam essas, também ocorrem utilizações não tão comuns assim. Dito isso, passo a relatar agora o caso específico de utilização de um Quintal na cidade de Planaltina DF.

Planaltina é a cidade mais antiga do Distrito Federal, completando 150 anos em 2018, e está frequentemente no *ranking* de cidades com índices de violência mais altos no DF. Tal realidade é resultante de diversos fatores, como educação precária, crescimento desordenado da cidade, guerra de gangues que permeiam pelo menos 2 a 3 décadas, acesso escasso a meios de promoção de cultura. Apesar dos altos índices de violência, a cidade tem também vasta e diversa produção cultural, seja no artesanato, artes visuais, música, dança, teatro, circo, cultura hip-hop, catira, etc. Muitos desses grupos chegam a ter inclusive visibilidade a nível nacional e internacional.

Além dessa gama artística e cultural, Planaltina também tem forte aspecto religioso, seja relativo à fé ou ao turismo religioso. A Festa do Divino Espírito Santo que é realizada todo ano, com visitas às áreas rurais, cavaladas, desfile de carros de boi, etc, é fortemente difundida no Distrito Federal, bem como a Via Sacra, realizada no Morro da Capelinha e que é uma das maiores encenações da paixão de Cristo do Brasil, contando com milhares de atores e público estimado em dezenas de milhares, chegando até em mais de 100 mil pessoas assistindo à encenação. Outro ponto ligado à religião que traz muita participação de pessoas de fora de Planaltina é a doutrina religiosa do Vale do Amanhecer, comunidade que está prestes a comemorar 50 anos e que todos os anos traz milhares de adeptos todos os dias, com ênfase no dia 1º de maio, onde se concentram entre 10 e 20 mil pessoas, além de ser um dos pontos com maior índice de turismo do Distrito Federal.

O espaço em questão, cenário onde se desenvolve nossa narrativa documental, situado em Planaltina DF, é fundamental para a criação e desenvolvimento de novos artistas locais e tem suas portas abertas a novas experiências e à artistas de outras localidades. Alguns integrantes de grupos que se utilizam desse Quintal, levam um pouco do conhecimento aprendido no local para diversas outras cidades do DF, através de oficinas, treinos coletivos e apresentações. Três monografias já foram desenvolvidas como trabalho de final de curso da UnB a partir do espaço, sendo que uma foi a construção de bonecos e criação de uma peça com os respectivos bonecos, com a temática de interação urbana através do grafite para o curso de Design, e as outras duas foram para o curso de Artes Cênicas, sendo a primeira sobre o processo colaborativo da *Trupe por um Fio* e o outro sobre o risco no circo. A banda *The Nóis*, que ensaiou por muito tempo no local, já deu entrevista à TV Brasil no Quintal. Esses pontos mostram novamente que o espaço é um celeiro de diversas experiências e difusão nacional.

No começo ano de 2009, o ex-aluno de escola pública Luciano César, que no mesmo ano entrou na Universidade de Brasília no curso de Artes Cênicas, decidiu convidar alguns colegas, que desenvolviam artes cênicas, artes visuais e música na Sala de Altas Habilidades de Planaltina DF (projeto do Ministério da Educação que visa desenvolver superdotação e habilidades extras de alunos da rede pública de ensino, a fim de proporcionar maior desenvolvimento de capacidades científicas e artísticas), a montarem um grupo para trabalhar com formas animadas. Foi assim que foi fundada a *Trupe por um Fio*.

A *Trupe por um Fio* surgiu inicialmente com o nome *Grupo por um Fio*, uma vez que a atividade que desenvolviam era o teatro de formas animadas, mais pautado no teatro de manipulação de bonecos. Através do contato com outras linguagens artísticas, como o Clown, o grupo passou a se chamar *Trupe por um Fio* e começou a trabalhar com a palhaçaria, manipulação de objetos (leia-se malabares) e acrobacias. Anos mais tarde passou a trabalhar também com acrobacias aéreas, tornando-se um grupo de Teatro-Circo. Com a consolidação da base de múltiplas linguagens cênicas (teatro, dança, circo), foram chegando cada vez mais pessoas interessadas, no geral amigos em comum de um ou outro membro da Trupe, que se interessavam pelas artes, passaram a integrar o grupo, sendo alguns por curtos ou longos períodos e outros até os dias atuais ainda integram a Trupe.

Ainda no ano de 2009, devido ao ingresso de Luciano na banda punk *The Nóis*, além dos treinos cênicos e circenses, o espaço passou a abarcar também os ensaios da banda no

Quintal. Por vários anos os ensaios da banda e da Trupe eram organizados sempre aos domingos e em sequência, primeiro o ensaio da banda, no período da tarde e em seguida, o treino da Trupe, do fim da tarde até de noite. Como alguns membros da *The Nóis* também passaram a integrar a *Trupe por um Fio*, houve o início de trabalho com música ao vivo, agregando a tudo o que a já era desenvolvido no espaço.

E devido à essa multiplicidade de linguagens e bagagens pessoais que cada membro da Trupe desenvolve, sempre surge alguma linguagem nova no espaço que é aproveitada nos treinos da Trupe. A capoeira angola é um exemplo disso e chegou na *Trupe por um Fio* através de alguns membros que praticavam capoeira em projetos nos bairros de Planaltina, e anos mais tarde passaram a treinar na sede da Trupe. Há uma vontade de transformar o Quintal em um Ponto de Cultura, o que pode oficializar juridicamente o espaço como um centro de cultura de Planaltina, perante ao Ministério da Cultura (MinC).

A realidade local também é modificada no sentido de promoção de cultura, levando em consideração tanto as apresentações e shows, quanto oficinas de diversas áreas já ministradas por artistas ligados ao espaço. O local tem sua relevância tanto cultural como social muito grande, uma vez que a partir deste local muitas pessoas chegaram a se profissionalizar, conseguindo se sustentar a partir de treinos e ensaios desenvolvidos lá. E, embora Planaltina tenha o estigma e a realidade cruel da violência no dia a dia, esse espaço mostra que não é só de coisas ruins que a cidade se constitui, pelo contrário, o espaço promove o combate à violência através da arte e cultura que tem por berço o Quintal.

PROBLEMA DA PESQUISA

Como um Quintal de uma casa pode ser relevante para a sociedade? É possível que um território residencial tenha de fato relevância social, simplesmente por ser palco de ensaios e treinos? Como pode ser possível que se retrate um local como este, tendo-se em vista que a produção deve abarcar uma diversidade de assuntos e acontecimentos e que, se mal demonstrada, pode enviesar ou tirar a força do conteúdo integral?

A violência presente em uma localidade, que por vezes tem seu aumento ligado à criação e ao crescimento desorganizado de bairros que tendem a ser muito populosos e diretamente ligados a pessoas de baixa renda, pode ser remediada a partir da arte? Qual o peso que as diversas formas de expressão artística tem na balança que contrapõe a violência?

O documentário, que é um instrumento de explicitação da realidade, foi a forma escolhida para abordar o assunto em questão, mas qual seria a forma mais precisa de contar uma história documental? E uma vez que essa história será contada por alguém frequentante do meio, como seria possível abordar o tema em questão de modo a alcançar o entendimento por pessoas que, não tem ou nunca tenham o contato direto com o espaço?

OBJETIVO

Por objetivo, busquei realizar um documentário como produto de conclusão do curso de Comunicação Social, com habilitação em Audiovisual, para propiciar o desvelamento de um espaço cultural não oficializado pelas vias estatais, mas que em sua essência tem manifestações das mais variadas vertentes artísticas. Por se tratar de um espaço na cidade de Planaltina DF, que tem todo um histórico com altos índices de violência, o Quintal em questão tem uma identidade de resistência não só cultural, mas também social e política, como ponto de afirmação da juventude e da cultura de paz.

A promoção da cultura, que tem como embrião este espaço, se alastra pela cidade de Planaltina, por outras cidades do DF e outros estados, como no caso da banda The Nós que saiu no Correio Braziliense em 2013 e a Trupe por um Fio que saiu na revista Evoke no ano de 2016. Muitos artistas se criaram, muitos outros aprimoraram suas habilidades técnicas e artísticas e diversos deles se profissionalizaram, devido ao suporte que o espaço e os grupos que treinam por lá proporcionam. Criações musicais, circenses, teatrais, de formas animadas, audiovisuais, fotográficas, de dança, etc., tiveram este espaço como berço e em alguns casos já ultrapassaram as fronteiras nacionais.

O espaço é acolhedor a qualquer pessoa que se identifique com as vertentes artísticas presentes por lá, bem como também é aberta a novas linguagens que caibam na estrutura física do mesmo. Um exemplo disso é o Start Family Crew, que é um grupo de Break Dance formado no Vale do Amanhecer, bairro de Planaltina, e que foi o último grupo que começou a treinar no espaço. Esse exemplo ganha ainda mais força, quando citamos que são os atuais vencedores de um dos mais importantes campeonatos de Break Dance do Brasil e América Latina, que é o Master Crews, realizado em São Paulo no ano de 2017, meses antes da produção deste documento.

REFERENCIAL TEÓRICO

A arte é um importante meio de promoção da cultura de paz, uma vez que é ela quem chega sem fronteiras aos locais de mais difícil acesso, seja através da música, do teatro, do circo, de culturas populares, dentre outras mil formas de representação da realidade. O efeito que ela causa em quem assiste, tem peso social, no sentido de mudar a percepção do mundo que nos cerca e causar um efeito que, por mais que pareça ser inexistente, gera mudanças a longo prazo não imediata, mas paulatinamente. É uma forma de educação que transcende a sala de aula. Está em todo lugar e o tempo todo.

Quando um artista está em cena ou quando uma obra artística está disponível para o consumo, o conhecimento de algo novo ou de uma percepção temporal também está vigente. A percepção da realidade que cerca o artista ou o tempo em que ele vive, está presente na sua obra e ao ser exposta ao público, causa talvez um estranhamento, talvez um deslumbramento, mas gera um efeito que altera o lugar comum em que o espectador está inserido.

A cidade de Planaltina, município do Distrito Federal, bairro “que têm vários locais de ocupação irregular e muito recente, apresentam elevadas taxas de homicídio.” (FERREIRA, VASCONCELOS, PENNA, 2008). Esse dado, embora não tão recente, fala de uma realidade na cidade de Planaltina que, mesmo que os números tenham sido modificados ao longo do tempo, para quem mora na cidade, a realidade é a de que não se pode caminhar por determinados locais ou horários tranquilamente. Já houveram casos de violência bairrista, surgida anos atrás e que já gerou violências simplesmente se levando em conta o bairro em que a vítima residia.

Quando se tem então um local em que pode-se fazer um contraponto a essa perspectiva violenta, a força do mesmo tende a aumentar em importância social e política. O acesso às artes ainda é um problema da cidade, devido ao fato de ter apenas um espaço público bastante precário, além de alguns espaços privados que foram criados pelos próprios artistas locais, para suprir a demanda dos artistas e também artistas que queiram apresentar seus trabalhos na cidade. O teatro de bolso Lieta de Ló, localizado no bairro Setor Tradicional, é um exemplo de espaço privado que foi construído pelo ator e ex-professor Preto Rezende.

O retrato da realidade é algo buscado pela humanidade desde os primórdios, como nas pinturas rupestres, as pinturas em cerâmicas, produção de estátuas, peças teatrais, livros, etc. O

cinema pode ser incluído juntamente com essas peças por também representar a realidade. Mas no caso do cinema podemos definir em pelo menos dois pontos distintos de representação: o cinema ficcional e o cinema não ficcional (comumente chamado de documentário). Dentre as linguagens cinematográficas acima citadas, decidi que o que melhor retrataria o tema o produto de conclusão de curso, seria o documentário não-ficcional (NICHOLS, 2005), primeiramente pelo seu aspecto de equipe reduzida, baixo custo com relação ao filme de ficção (não em todos os casos, é claro).

O documentário, nessa soma de fatores, se transforma numa obra artística e, por definição, busca alcançar sua estética própria. Desde a criação do cinema, a linguagem cinematográfica sofreu diversas modificações, e com o documentário também não foi diferente. O cinema inclusive surgiu com filmes que podem ser colocadas dentro do cinema documentário, como nos filmes dos irmãos Lumière *A saída dos operários da fábrica* (1895) e *A chegada do trem na estação* (1895). São dois dos primeiros filmes criados na história do cinema e da humanidade, que retratam a realidade cotidiana, ponto que é bastante ligado ao documentário desde a sua concepção anos mais tarde após a criação da obra *Nanook of the North* (1922) do cineasta Robert Flaherty, que marca o início do cinema documentário.

Apesar das críticas que o filme de Robert Flaherty recebeu, como por exemplo de ter encenações, retratar algumas ações que não eram mais vigentes, o filme traz à tona uma realidade distante da vivida em outros lugares, então serve como memória de um povo, além de mostrar uma cultura não tão conhecida pela maioria das pessoas. Essa possibilidade de um filme levar essas informações a lugares diversos, pontua também a existência de outras formas de vidas, com toda a sua complexidade social, cultural e política. Afinal, não são todas as pessoas que vão conseguir se deslocar a lugares de difícil acesso ou longínquos de onde residem para conhecer outras culturas, fazendo com que o papel do documentário também seja importante nessa área antropológica.

Durante o processo de pesquisa sobre o tema, também foi feita uma busca sobre documentários com temáticas semelhantes mas, ao menos no âmbito mais geral da internet, não encontrei um documentário que retrate de modo semelhante ao meu filme. Um documentário que tem certa proximidade é o filme *Edifício Master* (2002) do cineasta brasileiro Eduardo Coutinho, que conta histórias de pessoas que residem em um local em comum, o Edifício Master. E a partir dessa busca por referências aproximadas e também de outros estilos documentais de mostrar alguma realidade, pensei no formato do documentário

expositivo, devido a se encaixar na dinâmica de trabalho que foi a de entrevistas com imagens ilustrativas de acontecimentos narrados. Isso se dá pelo fato de que, como afirma Bill Nichols em seu *Introdução ao Documentário* (2005), no caso da montagem expositiva, há maior liberdade de escolha das imagens “se elas ajudarem a expor o argumento.”. Nesse ponto, foi possível e menos complicado demonstrar o que está exposto no filme, onde tem desde as atividades mais cotidianas, como o convívio e o lanche, até as mais específicas, como a evolução da estrutura física do espaço, com todos os equipamentos que passaram a compor o local.

Devido ao ponto de congruência entre a pesquisa e o formato cinematográfico escolhido, a qualidade estética foi logo surgindo. Como o espaço de treinos é um local que exala artes e culturas diversas, houve um cuidado especial em buscar a estética que interagisse não só com o subgênero expositivo, mas diretamente a essa latência cultural. A fotografia buscada no processo de produção foi harmoniosa entre o tema, o personagem que fala e o espaço. Cada quadro do filme foi pensado dentro dessas características, sendo que ainda houve o cuidado de transmitir a linguagem artística de cada grupo através dos blocos temáticos que se desenvolveram no filme.

No caso do filme *O Quintal* (2018), além da direção do filme, eu fui um dos protagonistas, devido a treinar no espaço desde 2010, logo nos primeiros anos da concepção do local enquanto palco das atividades já citadas. Por causa disso, tive inicialmente a facilidade na pesquisa de já conhecer o espaço, as atividades e as pessoas que frequentam lá. Esse fator foi decisivo, pois poupou bastante tempo de pré-produção e permitiu que eu conseguisse entrar mais a fundo na exploração da obra. Isso permitiu que antes do processo de filmagens, já tivesse uma ideia de como o filme iria ficar após a montagem e a construção do roteiro de perguntas caminhou para afirmar esse foco. Ao já ter o conhecimento prévio dos entrevistados, pude fazer algumas perguntas mais precisas para alguns entrevistados, que acabaram dando contribuições bastante pontuais sobre o desenvolvimento do espaço.

O filme conta com a utilização de imagens de arquivo dos grupos, que por si só já contam uma boa parte da história e com imagens extras que foram filmadas durante o processo de produção. Em ambos os casos, as imagens contam histórias, aquelas do passado e estas do presente momento da produção. Por mais que as imagens filmadas para o documentário tenham sido feitas durante o período de produção, elas acabam por ter um peso de memória, juntamente com as demais imagens, embora tenham sido produzidas com um

foco específico, para atingir uma finalidade pontual, elas também servem desde já como mais material de acervo do local, uma vez que mostra muito do que se produz por lá. E a convergência dessas imagens, fazem com que o filme tome corpo, passando a ter sua especificidade à mostra harmoniosamente. Fernão Pessoa (2005) diz que uma peculiaridade do documentário é a mesclagem dessas imagens ao documentário, criando a tensão necessária ao filme.

Na construção do documentário, quem realiza o filme tem que se deparar com questões de grande importância. Uma das mais importantes é a relação com as pessoas entrevistadas. Deve ser criada uma relação de confiança onde, através de acordos, seja explicado tudo referente ao filme e aquilo deve ser seguido à risca no processo de produção e pós-produção pela equipe, isso para evitar que se utilize de forma a denegrir a imagem de seus entrevistados. Isso não quer dizer que o documentário deva ficar engessado, mas que ele deve seguir uma linha ética principalmente nas relações entre entrevistados e equipe. Quanto mais forte esse vínculo, tão mais ético será o resultado do filme.

Caso seja necessário, segundo o cineasta Eduardo Ramos no vídeo *Uma conversa sobre documentários - Formatos, linguagens e estilos* (2012), poder-se-á fazer novos acordos com os entrevistados, como no exemplo do filme *Basquete Blues* (1994) de Steve James, onde numa das filmagens de jovens de periferia praticando basquete, foi flagrado o pai de um deles vendendo drogas no fundo da imagem. O diretor entrou em contato com advogados e em seguida com o próprio pai para explicar a situação e saber qual seria a melhor solução em conjunto a ser tomada, onde o diretor cortaria a filmagem se assim o pai decidisse, por se tratar de uma cena forte que poderia denegrir não só a própria imagem do pai, mas como do filho e de outras pessoas envolvidas. Mas o próprio pai decidiu que a imagem deveria ser utilizada mesmo com a imagem dele mesmo na situação, pois primeiramente ele disse que seria importante para o filme e também foi uma forma de mostrar a situação em que eles viviam, inclusive para sustentar a família. A questão ética é uma das questões, acerca do cinema documentário, que tem o maior peso.

Eduardo Coutinho é um exemplo de documentarista que tem todo um cuidado com a questão da ética. Ele seguia à risca o modelo ético de filmagem, onde primeiramente ele deixa os objetivos do projeto bem claros para os entrevistados e tem todo um cuidado para que o resultado seja o mais fidedigno possível. Em entrevista na Casa do Saber (RJ, 2009), ele fala sobre o modo dele de fazer filmes, onde diz que tenta se aproximar do assunto e das

pessoas pretendidas de modo o mais horizontal possível, segundo ele, muitos outros cineastas “intelectuais” já vão para a filmagem com um objetivo totalmente enviesado, o que acaba, ao invés de mostrar a realidade mais ampla, tratando as pessoas como mera objeto para o filme. Coutinho entrava nos filmes com outra concepção, a de conhecer a realidade segundo quem vive a realidade e não segundo quem a observa. Isso traz na obra do cineasta, um resultado bem mais rico, do ponto de vista da documentação do acontecimento.

Dentre as várias serventias do filme documentário, uma que é buscada por muitos autores é a de mostrar a realidade não somente por mostrar, mas partindo do pressuposto de que, uma vez que a realidade descrita chega a muitos lugares, caso seja uma realidade com algum tipo de vulnerabilidade, pode ser o mote que gera alguma mudança. Essa mudança não precisa ser imediata, tampouco de fato na localidade mostrada, mas em qualquer lugar em que ela chega através do filme ou através de discussões a partir do filme. Um assunto que gera discussão, por consequência quase que direta, gera mudança, seja de pensamento, seja de cultura, seja de realidade. Várias questões permeiam a aura do documentário, sendo talvez a transformação social e individual as duas mais importantes.

Para Bill Nichols, os documentários “são uma *representação* do mundo, e essa representação significa uma visão singular do mundo” (NICHOLS, 2005). O autor sugere que o documentário pode “defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista” (*idem*). Isso quer dizer que, dentro da ideia de representação do mundo, o documentário é sempre feito com um ponto de vista específico, mostrando algo específico e isso gera um conteúdo que segue dentro de uma direção mais marcada. É como se fosse a visão de uma janela, em que se pode ver apenas um recorte do que está do outro lado (interno ou externo), sendo que quanto mais se aproxima da janela, mais é possível enxergar e quanto mais se afasta ou quanto menos se aproximar, menos irá enxergar.

A pesquisa no documentário é o que há de mais importante, devido a essa necessidade de aproximação do assunto para uma abordagem mais precisa. Existem diversas formas de se pesquisar sobre o assunto, dentre elas por meio de livros, filmes, vídeos, conversas, entrevistas prévias, acompanhamento de campo, etc. O grau de importância de um ou outro desses métodos de pesquisa, vai variar muito de acordo com a realidade que se deseja abordar. Sendo que há a possibilidade de algum desses métodos ser inviável por questões diversas. Mas é bastante importante que se faça a pesquisa sobre o assunto antes de abordá-lo para que não se cometa equívocos. No filme *O Fim e o Princípio* (2005), de Eduardo

Coutinho, inicialmente podemos pensar que não houve uma pesquisa para a produção do documentário, mas mesmo nesse caso existe uma mínima pesquisa dentro do próprio documentário. O autor do filme conta uma história, mas não simplesmente conta uma história, ele conta o seu ponto de vista e acaba criando uma assinatura.

METODOLOGIA

O projeto foi executado em 3 etapas: pré-produção (pesquisa sobre o tema), produção (coleta dos depoimentos) e pós-produção (montagem, correções de cor e som, colocação de créditos). Para que fosse viável a produção do projeto, alguns estudantes e profissionais de audiovisual foram convidados e se dispuseram voluntariamente para o processo de produção e pós-produção.

➤ Equipe

Como é bastante frequente na produção de documentários, *O Quintal* também teve sua equipe bastante reduzida. Inicialmente seria realizado da seguinte forma, produção, direção e fotografia seriam lideradas por mim mesmo, auxiliado por Rogerio Miranda na fotografia e montagem, Vinícius Fontenele no som direto e pós de som e Wandelson Souza na finalização do filme. Mas com o desenrolar dos dias, a equipe acabou por se firmar comigo nas três funções acima citadas e tive que assumir a montagem, no som direto contei com Rafael Cardim na captação e a pós de som ficou com o Luiz Mateus Corazolla. A fotografia contou, além de mim e do Rogerio com uma das entrevistadas, Caren Henrique e com o Douglas Rochedo. Para ambos, o trabalho foi voluntário, devido à falta de recursos para a produção do filme e todos abraçaram a produção do filme de braços abertos e disposição grande para que ele pudesse ser rodado.

➤ Pré-produção

O processo inicial foi o de pesquisa e se deu por intermédio de conversas prévias com membros que frequentam o Quintal no ano de 2017, bem como a consulta de monografias que já foram produzidas por membros ativos ou antigos do espaço, sendo elas produzidas sobre o espaço referido ou produzidas a partir do espaço, no caso de produção de produtos que se utilizou de ferramentas e da própria espacialidade para se desenvolver.

Além disso, a experiência do diretor do filme como membro participante de várias vertentes artísticas e treinos que ocorrem no local, contou como fonte de pesquisa sobre o tema abordado. Uma entrevista feita para um projeto de um dos grupos serviu também como ponto de pesquisa, já que tratava de temáticas ligadas ao espaço e ao grupo em questão.

➤ Produção

Foram feitas entrevistas com vinte e duas pessoas no período de 11 de março de 2018 até 22 de abril de 2018, sendo que uma das entrevistas (a primeira) foi refeita devido a ter sido considerada insuficiente para compor a obra. O perfil das pessoas entrevistadas foi massivamente de jovens entre 20 e 30 anos e mais duas pessoas com 34 e 55 anos, sendo que a segunda idade é referida à dona da casa.

Foram feitas mais de 10 horas de filmagem de depoimentos e mais de 5 horas de filmagem de imagens de preenchimento. O levantamento de material de acervo feito gerou cerca de 150GB de material, entre fotos e vídeos.

→ Perguntas das entrevistas

- Como ficou sabendo do espaço?
- Quando foi a primeira vez que foi lá?
- Qual foi a primeira impressão que teve?
- O que mais chamou a atenção?
- Qual/is tipo/s de atividade/s você desenvolve/desenvolveu por lá?
- Como é feita a manutenção do espaço?
- Você já contribuiu com algo para o espaço? (objetos, mão de obra, etc)
- Qual a importância que você sente por esse espaço?
- Conte alguma história interessante que já vivenciou no espaço.
- Como é a relação das pessoas no espaço, nas atividades?

→ Perguntas adicionadas durante o processo

- Quais as modificações que você percebeu com o passar do tempo?
- Como são os treinos?
- Expresse como é esse espaço.
- Fale sobre a estrutura do espaço.
- Como o espaço contribuiu/contribui na sua vida?

➤ Pós-produção

A duração estimada em horas desse processo foi de mais de 60 horas dividida entre decupagem, montagem, finalização de cor, finalização de som, colocação de créditos. Assumi o trabalho de montagem e tive a ajuda de uma pessoa na pós de som e uma na coloração do filme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período que passei na Universidade de Brasília, tanto no curso de Filosofia quanto no curso de Audiovisual, tive grandes aprendizados. Juntando-se a isso o fato de eu ser artista de várias linguagens, como por exemplo música, circo, fotografia e audiovisual, consegui chegar ao ponto de produzir um filme documentário, que foi uma vontade de criação desde quando comecei a cogitar o que faria de TCC. Foram cerca de dois anos pensando na produção deste filme - *O Quintal* - que me possibilitaram e propiciaram o grande desafio de concepção do mesmo.

Minha experiência na área de audiovisual foi inicialmente ligada mais diretamente à operação de câmera, com um estágio na UnBTV entre 2013 e 2015, onde aprendi o ofício de cinegrafia e grande parte dos conhecimentos de iluminação que uso até os dias de hoje. Além desse conhecimento, também tive trocas de experiências e saberes que contribuíram direta ou indiretamente no processo do documentário. Apenas a linguagem da TV e do cinema documentário se distanciam em partes, mas quanto às técnicas eu estava um tanto quanto servido de uma gama de aparatos.

Mesmo que eu tenha tido todos esses pontos de aprendizado, quando me vi frente à frente com a produção do filme, tive dificuldades bastante consideráveis para produzir *O Quintal*. Ao iniciar o processo de filmagem, eu tinha bem claro na cabeça que iria exercer várias funções dentro do filme, sendo que as duas às quais eu me focaria mais foram a direção e a direção de fotografia. Mas durante o processo, tive que assumir as funções de som direto em dias que a equipe estava contando com apenas mais uma pessoa além de mim ou até mesmo no dia que a equipe era a de um homem só, no caso somente eu. Outra função que tive que abarcar foi a de produção, pois além de ser a parte mais interessada na produção do filme, era eu quem detinha os contatos e mais tempo disponível para visitar a locação, falar com as pessoas, marcar as entrevistas, etc.

Acabei por fim responsabilizando-me pela montagem, que é uma área de atuação um tanto quanto nova para mim, mas que iria ser feita em conjunto com um outro membro da equipe, que por questões de outras ocupações com a própria universidade, não pôde dispor de tempo, o que me deixou abraçado ao filme em todas as etapas. A ideia original era de o filme ter média duração, com cerca de 30 a 40 minutos de duração, mas o filme ficou um pouco maior do que isso no fim da montagem. Tive que abandonar muitos pontos que gostaria de

abordar no filme por conta do escasso tempo para a banca, além da própria duração do filme que teria de ser bem mais extensa do que de fato poderia ter sido.

Este relato do processo é fundamental, devido ao fato de ter sido um desafio maior do que eu pude abraçar em boa parte do processo, chegando a praticamente desistir do projeto já na reta final. Enquanto concepção, o filme deveria mostrar mais da dualidade do espaço enquanto um lar de artes e o espaço urbano da cidade que o cerca com todo o estigma e toda a realidade da violência que também se fazem presentes em Planaltina. Além disso, houve a busca para que a história contada tivesse boas imagens ilustrativas para além das imagens das próprias entrevistas. O processo de adquirir alguns materiais de arquivo dos grupos chegou a ser inviável de conseguir com algumas pessoas, devido a todas as demandas de cada pessoa.

O filme poderia ter tomado diversos outros rumos na montagem, mas conforme eu ia separando o material, o filme ia se construindo por si só. Tomando identidade própria, que abarca grande parte do que foi proposto inicialmente. Talvez por fragilidade de técnicas de montagem e outras áreas da produção e pós-produção, o filme poderia ter tido um acabamento um tanto melhor do que teve, mas dentro das possibilidades, o resultado ficou mais do que aceitável, ficou com a cara que o espaço expressa, com as vivências de quem perpassa pelo espaço para treinar e/ou se divertir. Demonstra as relações criadas e fortalecidas no *Quintal* ao longo de anos ou, em alguns casos, de semanas.

Uma personagem que durante o processo eu quis explorar um pouco sobre, foi a senhora Eleusa, mãe de um dos artistas fundador do local e dona da casa onde tudo acontece. Inicialmente, durante a pré-produção eu não cheguei a pensar nesse aspecto, mas num dia tive aquele estalo da importância da anfitriã para o filme e foi quando comecei a pensar em como abordar o assunto. Gostaria de ter abarcado melhor a sua presença no filme, mas tive várias dificuldades práticas também nessa área, talvez por imaturidade, talvez por falta de tempo, talvez por tantas outras limitações. Mas estou certo de que o retrato que o filme traz dela é no mínimo suficiente para que possa ser possível compreender a importância dessa mulher, matriarca da casa, que abre suas portas e seus braços para que toda uma geração de artistas possam se desenvolver por tantos anos e por muitos anos mais.

Por fim, devo fazer uma crítica pontual ao curso de audiovisual, que apesar de nos permitir ter acesso ao que estudar, ainda tem limitações por diversos fatores, como equipamentos insuficientes e alguns obsoletos, corpo docente com defasagem de alguns conhecimentos de suma importância, ausência de disciplinas com grande importância na área

do audiovisual, falta de diálogos com alguns docentes, que se fecham em opiniões que nem sempre condizem com a realidade, dentre outros tantos fatores que prejudicam várias e vários estudantes. É certo que atualmente essa situação chegou a um patamar de maiores dificuldades, devido aos cortes do governo do atual presidente Michel Temer, mas alguns problemas não são tão ligados assim a esses cortes e parecem ter ainda muito chão pela frente antes de conseguirem sanar tais demandas.

Como estudante universitário, senti na pele o ditado popular que alerta para que não deixemos que a universidade atrapalhe os nossos estudos. A realidade deveria ser outra, mas na prática quem quer aprender atualmente alguma técnica mais nova ou até mesmo não tão nova assim, tem por obrigação que buscar em fontes externas à universidade, mesmo no caso de conhecimentos que deveriam ser adquiridos no processo letivo do curso. Não tiro o demérito de estudantes que não valorizam o acesso ao conhecimento que a UnB proporciona, mas é um número ainda pequeno se comparado aos que estão com sede de saber. Creio que um novo olhar sobre o currículo do curso de Comunicação Social, principalmente na habilitação de Audiovisual, deva ser feito com certa urgência para que possam ser corrigidos alguns problemas atuais, afinal de contas, o meio acadêmico deve por excelência avançar no conhecimento, não estagnar ou retroceder, como ainda ocorre.

Apesar dos pesares, quando a balança é medida, o resultado ainda vem positivo. A experiência universitária nos dá uma visão longínqua na construção de uma nova sociedade, de uma nova cultura adequada ao bem viver das pessoas. A quebra de paradigmas, preceitos e preconceitos é tarefa diária de todo mundo, mas principalmente de quem tem à mão o acesso a conhecimentos com tamanha importância à humanidade.

REFERÊNCIAS

➤ Bibliográficas

- FERREIRA, Ignez C. Barbosa; VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; PENNA, Nelba de Azevedo. **Violência urbana: a vulnerabilidade dos jovens da periferia das cidades**. 2008
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário/Bill Nichols**; Tradução: Mônica Saddy Martins - Campinas, SP: Papyrus, 2005 - (coleção Campo Imagético)
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Teoria Contemporânea do Cinema**, volume II / Fernão Pessoa Ramos, organizador. São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2005.
- RODRIGUES, Basília. **Revista Evoke - Cultura e Sociedade**. Brasília: Evoque, 2016 nº 11. Pág. 29-31.
- MIGLIORIN, Cezar. **Ensaio no real/Cezar Migliorin (org.)** - Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010.

➤ Filmográficas

- COUTINHO, Eduardo. **Boca de lixo**.(105 min.) Rio de Janeiro: Videofilmes, Matizar, 2007.
- _____. **O fim e o princípio**. (101 min.) Rio de Janeiro: Videofilmes, 2005.
- _____. **Edifício Máster**. (110 min.) Rio de Janeiro: Videofilmes, 2001.
- MEDEIROS, Marley. **O Quintal**. Planaltina: 2018.
- SALLES, João M. **Santiago**. Rio de Janeiro: Bretz Filmes, 2007.
- VERTOV, Dziga. **Chelovek s kino-apparatom**. União Soviética: 1929.

➤ Internet

- BRAZILIENSE, Correio. **A cena rock em Brasília é marcada pela união e pela persistência**. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2011/08/10/interna_diversao_arte,264870/a-cena-do-rock-em-brasilia-e-marcada-pela-uniao-e-pela-persistencia.shtml>. Acesso em 27 de junho de 2018.
- FILMES, Matizar. **Visões do documentário - Eduardo Coutinho - parte 04**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vhmIE_K_V1o>. Acesso em 19 de junho 2018.
- JBR, Administrador. **Definido plano de ação para combate à violência em São Sebastião e Planaltina**. Disponível em: <<http://www.jornaldebrasilia.com.br/cidades/definido-plano>>

[-de-acao-para-combate-a-violencia-em-sao-sebastiao-e-planaltina/](#)>. Acesso em 27 de junho de 2018.

PULJIZ, Mara. LEAL, Vinícius. LUIZ, Gabriel. **Gangue responsável por homicídio e tráfico é alvo de operação policial no DF**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/operacao-da-policia-do-df-mira-disputa-entre-gangues-em-planaltina.ghtml>>. Acesso em 27 de junho de 2018.

RAMOS, Eduardo. **Uma conversa sobre documentários - Dos irmãos Lumière a Eduardo Coutinho**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=14K9jOG0H_Y>. Acesso em 19 de junho de 2018.

_____. **Uma conversa sobre documentários - Formatos, linguagens e estilos**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=SOVkz22Sr_Y>. Acesso em 19 de junho de 2018.

RODRIGUES, Larissa. **Fim de semana violento em Planaltina: dois mortos e três feridos**. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/fim-de-semana-violento-em-planaltina-dois-mortos-e-tres-feridos>>. Acesso em 27 de junho de 2018.

STACCIARINI, Isa. **Polícia Civil mapeia áreas dominadas por gangues em cinco cidades do DF**. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/06/24/interna_cidadesdf.690541/policia-civil-mapeia-areas-dominadas-por-gangues-em-cinco-cidades-do-d.shtml>. Acesso em 27 de junho de 2018.